

Criação de mídias sonoras como instrumento de acessibilidade a textos literários

Profa. Dra. Sílvia Maria Guerra Anastácioⁱ (UFBA)
Doutoranda Lucia Terezinha Zanato Tureckⁱⁱ (UNIOESTE)

Resumo:

*O presente trabalho aborda a passagem de texto literário em língua inglesa para o português e sua transposição para o suporte audiolivro, analisando a trajetória dos processos tradutórios. O texto é o conto de Hemingway, *A clean, well-lighted place*, 1926, gravado no audiolivro nas modalidades de leitura interpretada e “branca”. A primeira é a gravação por atores da Escola de Teatro da UFBA e focaliza-se a roteirização do texto traduzido para ser gravado como uma mídia sonora. Já a segunda é versão no MecDaisy, usado por pessoas cegas para acesso a textos escritos. Busca-se compreender a linguagem verbal enquanto instrumento de mediação para pessoas com deficiência visual na apropriação da cultura. As leituras propostas são capazes de ampliar a fruição dos seus ouvintes e o processo de criação dessa mídia é uma construção complexa a ser analisada enquanto uma Crítica Genética Inclusiva¹, em que pessoas com problema de visão ocupam um lugar especial.*

Palavras-chave: tradução, processos de criação, audiolivro, acessibilidade.

1 Introdução

O presente trabalho articula tradução, estudo de mídias sonoras, inclusão educacional e crítica genética. Essa confluência de saberes se coloca a serviço da passagem de um texto literário em língua inglesa para o português e sua transposição para o suporte audiolivro, analisando a trajetória dos processos tradutórios, sendo resultado do trabalho do grupo de pesquisa “Tradução, processo de criação e mídias sonoras” (PRO.SOM), composto por professores do Departamento de Línguas Germânicas do Instituto de Letras da UFBA, utilizando a metodologia dos estudos do processo de criação e dos estudos descritivos da tradução, acrescidos dos recursos da Leitura Dramática.

Textos contemporâneos em formato de audiolivro, especialmente obras literárias não canônicas de língua inglesa, tem escasso número de exemplares para a venda, e muito menor ainda a tradução desses textos para o português. Acredita-se que o acervo disponível para compra não atenda à demanda dos interessados, bem como às necessidades dos leitores com deficiência visual que poderiam se beneficiar com essa mídia. A idéia foi então explorar esse nicho ainda por ser garimpado e construir uma ponte entre os estudos da tradução e das literaturas de língua inglesa.

O texto fonte objeto deste estudo é o conto do escritor norteamericano Ernest Hemingway, *A clean, well-lighted place*, 1926, traduzido como “Um lugar limpo e bem iluminado”, o qual retrata o período do pós-guerra na Espanha, que entra para audiolivro nas modalidades de leitura interpretada e leitura “branca”. A primeira modalidade é a gravação do texto literário por atores da Escola de Teatro da UFBA e focaliza-se a importância da roteirização do texto traduzido para ser gravado como uma mídia sonora. Já a segunda modalidade de gravação utiliza o programa Mecdaisy, que oportuniza às pessoas com deficiência visual acesso ao texto escrito, como o texto literário que este trabalho se propõe a analisar.

Como é dirigido também para pessoas com deficiência visual, faz-se necessário compreender

¹ O termo Crítica Genética Inclusiva foi cunhado por Patrícia Silva de Jesus, especialista em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, em 2009, no seu Anteprojeto de Pesquisa submetido à seleção para Pós-Graduação da UFBA, intitulado “Crítica Genética de Processos Assistivos”.

que para elas, em particular, o papel da linguagem verbal enquanto instrumento de mediação nos processos de apropriação do conhecimento é mais que fundamental. Os estudos de Vigotski (1997) explicitam que, através dela, as pessoas com deficiência visual passam a conhecer e compreender os conceitos que serão importantes para o processo de aprendizagem e desenvolvimento, ao longo de sua existência. Como explica o autor a respeito dessa deficiência: “A cegueira é não apenas a falta da vista [...] provoca uma reorganização de todas as forças do organismo e da personalidade; [...] reanima novas forças [...] de uma forma criadora e orgânica. [...] é uma fonte de manifestação das capacidades, uma força (VIGOTSKI, 1997, p. 74), indicando que não ocorre simplesmente uma substituição dos sentidos, pois, “no caso da cegueira, não é o desenvolvimento do tato ou o refinamento da audição, senão a linguagem, o uso da experiência social, a relação com as pessoas que vêm {que} constitui a fonte da compensação. [...] A palavra vence a cegueira! (VIGOTSKI, 1997, p. 81 - 82). Pode-se, assim, reconhecer a contribuição possível de audiolivros para essas pessoas, conforme Leontiev (1978), quando considera que, pela aquisição da linguagem, as pessoas com deficiência conseguem internalizar, refletir, abstrair e compreender as informações acerca do mundo que as rodeia; ou seja, apropriar-se da cultura e dos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade.

Além disso, oportunizar às pessoas com deficiência visual experiências que lhes possibilitem desenvolver suas funções psicológicas superiores (atenção, percepção, memória, dentre outras) é fundamental para que elas consigam, especialmente durante seu processo de escolarização, apropriar-se dos conhecimentos que lhes são transmitidos, assim apreendendo as informações necessárias ao próprio processo de aprendizagem.

2 O processo de tradução

Traduzir as obras literárias para uma mídia sonora é um trabalho que implica em escolhas. Estas incluem negociações, em vários níveis, entre o texto fonte e o alvo, bem como atualizações do contexto da obra para o seu pólo receptor e da linguagem escrita para uma midiática, em que os recursos sonoros passam a ocupar um papel fundamental. Este artigo busca articular, de um lado, as teorias da tradução aliadas às das mídias sonoras e, de outro, a metodologia da crítica genética, a fim de poder dar conta de interpretar a nova obra que surge. Nasce então um novo texto performático, de autoria coletiva, pois, tecidos a várias mãos, provam ser o resultado de uma série de negociações que o dossiê genético será capaz de revelar. Dessa (re) criação fazem parte não só os tradutores do texto dramático do inglês para o português, como também atores e professores da Escola de Teatro da UFBA, além de um especialista em roteiro. No caso da passagem do texto escrito para um audiolivro, a questão da autoria tem um relevo especial, considerando que o que se tem nessa nova tradução é uma autoria coletiva.

Importa, portanto, refletir sobre a tradução intersemiótica de uma obra impressa para uma mídia oral, considerando que o novo suporte demandaria um texto com características próprias, que facilitasse a comunicação com o público-alvo, mais especificamente, o ouvinte de um audiolivro. refletir sobre o processo de tradução de textos do inglês para o português e identificar como ocorre a gravação desses textos para uma mídia sonora. Que passos seriam necessários para que esses dois processos, o de tradução e o de gravação acontecessem? Como analisá-los e que tipos de textos seriam escolhidos para fazer parte do projeto

Dossiês de criação das mídias sonoras incluem gravações em áudio, filmagem e notas de ensaios, entrevistas com atores e participantes da produção, músicos e roteirista, que serviram de base para traduções intersemióticas, gerando ricos processos de trânsito entre mídias. Foi intenção desta pesquisa recuperar o percurso de tais processos e, para isso, fazer recortes para comentar alguns aspectos instigantes dos manuscritos analisados. Cada nova leitura de uma obra suplementa os textos anteriores, ressignificando-os e dando-lhes uma nova função no contexto para onde

estarão inseridos. Isso porque cada lugar de fala reconfigura o texto, desconstruindo-o e abrindo-lhe novas perspectivas de interpretação.

2. 1 Processo de criação do conto de Hemingway: da tradução às mídias sonoras

A tradução interlingual do conto do escritor norte-americano Ernest Hemingway, *A clean, well-lighted place* (1949), traduzido como “Um Lugar Limpo e Bem Iluminado”, realizada em 2008, produziu um texto de seis páginas, em fonte *Times New Roman*, tamanho 12. Esse resultado tradutório utilizou operadores genéticos pelas pesquisadoras, uso de balões de revisão do Programa Word, resultando em quatro versões digitalizadas da tradução comentada num período de três meses, sendo nos meses de maio e junho de 2008, entre os alunos e a orientadora; no mês de julho, ocorreu discussão com a revisora.

As versões do conto traduzido consistiram nos manuscritos digitais, em arquivo para o programa *word*. O primeiro manuscrito digital foi utilizado para gravação no dia 19 de outubro de 2008, na Escola de Comunicação, com algumas intervenções tradutórias que valeram uma discussão, além de se ter abordado também questões culturais e políticas relacionadas ao período de pós-guerra, especialmente marcado pelo niilismo e pela falência de valores, uma característica marcante do texto. Além disso, questões sobre a teoria da recepção e as culturas da mídia têm norteado este trabalho, considerando-se os polissistemas de ambos os pólos, o emissor e o receptor, por onde o texto fonte e a sua tradução transitam. A semiótica peirceana serve ainda como referencial para descrever signos relacionados à criação do áudio-livro, registrados nas notas de classe e nas filmagens das aulas de Leitura Dramática da Escola de Teatro da UFBA, bem como da produção da mídia oral no Laboratório onde as gravações foram feitas pela voz de Camilo Domingues, sendo usada a música de Debussy, “*Claire de lune*”. A visão do grupo de pesquisadores à época era de que a gravação não deveria ter quase efeitos sonoros, ser a mais seca possível para deixar espaço para a audiência, com a imaginação, ampliar o que ouvir.

O primeiro teste de recepção do audiolivro produzido ocorreu com a participação de acadêmicos da disciplina Conto em Língua Inglesa, do Curso de Letras, da UFBA, em 22 de outubro do mesmo ano. As avaliações dos alunos apontaram alguns problemas, como: o narrador e os personagens do conto interpretados pelo mesmo ator; nos diálogos curtos, ficaram por vezes sem saber quem era o falante; monólogo interior existente no texto é complexo; a contextualização ficou muito difícil de ser explicitada e, por fim, o deslocamento de um dos personagens de um bar a outro ficou quase imperceptível.

Na continuidade das pesquisas, elaborou-se o segundo manuscrito digital levando em conta os aspectos apresentados na avaliação realizada, sendo o mesmo encaminhado ao Estúdio de Luciano Bahia e gravado com a voz de Luíza Prosérpio, ainda em 2008. Nessa nova produção, foi efetuada a troca de música de Debussy por acordes de piano, houve o acréscimo de uma introdução que contextualizasse o conto, além do monólogo interior receber um ritmo marcado e ser introduzido som de passos para evidenciar o deslocamento de um bar a outro.

A partir da decisão de dispor os audiolivros às pessoas com deficiência visual, ocorreu um encontro com a consultora da UNESCO para acessibilidade, da Biblioteca Barris, de Salvador, em 2009. O tema foi “Livro falado/leitura branca para pessoas com deficiência visual” e realizou-se um *workshop* com grupo de cegos, ficando as preferências divididas entre livro falado e audiolivro comum, com efeitos sonoros e interpretação.

Com a implantação da política de inclusão educacional pelo MEC, proporcionou-se ao grupo de pesquisadores o Curso de Metodologia de Geração de Livros Digitais Acessíveis no Padrão Daisy, em janeiro de 2011, na UFBA. Padrão Daisy refere-se ao *Digital Accessible Information System*, utilizado para produção e leitura de livros digitais, foi adaptado às especificidades brasileiras, recebeu esta denominação Mecdaisy e está sendo implantado nas salas de recursos multifuncionais de escolas públicas, onde serão realizados os atendimentos educacionais

especializados – AEE para alunos com deficiência visual. As características básicas dessa ferramenta são descritas no Portal do MEC (2011):

A tecnologia Mecdaisy permite que o usuário leia qualquer texto, a partir de narração em áudio ou adaptação em caracteres ampliados, além de oferecer opção de impressão em braille, tudo a um só tempo. Além disso, a tecnologia oferece recursos de navegabilidade muito simples. A partir de movimentos de teclas de atalhos ou do mouse, o leitor pode fazer anotações e marcações no texto, avançar e recuar na leitura etc. [...] descreve figuras, gráficos e qualquer imagem presente no documento [...] o conjunto de programas ainda vem acompanhado de uma metodologia de produção de livros em formato digital acessível. Assim, a tecnologia permite a leitura de qualquer texto disponível no computador e a produção de livro digital.

Em abril de 2011 ocorreu mais um processo de análise da recepção do audiolivro em questão com o objetivo de avaliar as alterações e aperfeiçoar a produção. O grupo participante foi composto por estudantes e profissionais jovens e adultos com deficiência visual, membros da Associação Cascavelense de Pessoas Cegas - ACADEVI - Cascavel, Paraná, os quais fazem uso do DOSVOX para leitura de textos. Eram cinco mulheres, de 22 a 43 anos, sendo duas cegas e três com visão reduzida, duas concluintes do ensino médio, uma acadêmica de Pedagogia e duas pedagogas, com pós-graduação em Educação Especial; os homens, em número de três, de 21 a 34 anos, sendo um cego e dois com visão reduzida, dois cursando ensino fundamental e um acadêmico de Pedagogia.

Destaca-se que o grupo em questão tem experiência no uso do DOSVOX, ferramenta criada e desenvolvida no Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ, que possibilita às pessoas cegas a leitura de textos digitalizados e também a editoração de textos.

Sobre o acesso que essas pessoas costumam ter a textos literários, obteve-se a informação que usualmente lêem textos literários impressos em braille (cegos) ou ampliados graficamente, ouvem no computador com uso do DOSVOX (voz sintética) ou audiolivros, sendo estes gravação de voz humana a partir de uma leitura ‘branca’ do texto; no caso da leitura de textos ampliados graficamente, mesmo quando a pessoa possui razoável condição para essa leitura, há necessidade de esforço visual, o que dificulta a percepção do conteúdo do texto; dessa forma, os audiolivros favorecem o acesso aos livros; os audiolivros superam a leitura robótica, não apenas pela voz humana, mas pelo ritmo, percebe-se a pontuação, há pausas, a compreensão é facilitada.

A respeito da audição do audiolivro “Um lugar limpo e bem iluminado” de Ernest Hemingway, na leitura interpretada por Luisa Prosépio, as análises expuseram o seguinte: a voz humana dá idéia da personalidade dos personagens; o fundo musical e os ruídos favorecem a imaginação e a emoção, imprimindo vida ao texto; a entonação traz emoção, possibilita ativar a imaginação, que ‘viaja’ com as imagens; o audiolivro provoca uma situação envolvente e prazerosa; a leitura dramatizada tem pausas que ajudam a manter a atenção; deixa o leitor mais relaxado, aberto para ‘entrar’ no texto, ‘viver’ a literatura; é favorável ao texto literário, pois os científicos exigem maior reflexão e retorno de leitura; é mais indicada para textos curtos. Quanto às vozes diferentes para narrador e personagens, destacaram que elas ampliariam as sensações, permitindo melhor criação da personalidade de cada personagem. Foi perceptível, pela postura corporal e expressões faciais dos participantes, além da expressão verbal, o prazer estético que a fruição do audiolivro provocou.

Atualmente encontra-se em curso um processo de roteirização para as próximas gravações de audiolivros, com acréscimo de recursos sonoros, a partir do Curso de Roteiro realizado para o grupo de pesquisadores em fevereiro de 2011. Especificamente para o conto “Um lugar limpo e bem iluminado”, os novos estudos estão constituindo o terceiro manuscrito digital, cujo início é exposto a seguir, e que se encontra em estudos para posterior gravação:

UM LUGAR LIMPO E BEM ILUMINADO

- NARRADOR - NO CONTO/ UM LUGAR LIMPO E BEM ILUMINADO/ A NARRATIVA DE HEMINGWAY SE PASSA NA ESPANHA EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA E NOVE/ PÓS-GUERRA MUNDIAL// A ESPANHA ESTAVA SOB A DITADURA DO GENERAL FRANCISCO FRANCO/
- [...]
- TEC – SOBE MÚSICA ACORDES DE PIANO//
- NARRADORA - UM LUGAR LIMPO E BEM ILUMINADO/ POR ERNEST HEMINGWAY// TRADUÇÃO DE SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO/ SANDRA CORREA/ ANDRÉA GOMES E REVISÃO DE SUZIE SANTOS// NARRAÇÃO LUISA PROSÉRPPIO// GRAVADO POR LUCIANO BAHIA// PRODUÇÃO DE GIDEON ROSA// SALVADOR//
- TEC – FIM DOS ACORDES DE PIANO//
- NARRADORA - JÁ ERA MUITO TARDE E TODOS JÁ TINHAM SAÍDO DO CAFÉ/ MENOS UM SENHOR DE IDADE/ SENTADO À SOMBRA DAS FOLHAS DE UMA ÁRVORE/
- TEC - SOM DE FOLHAS AO VENTO//

Conclusão

Nesse contexto de mídias, com grande elenco de possibilidades, o audiolivro pode ser utilizado como um recurso de acessibilidade. A ideia seria disponibilizar um “cardápio” de possibilidades para os ouvintes. Para aqueles que possuem necessidades especiais, disponibilização conforme a preferência interpretativa: com o audiolivro ou a “leitura branca”, esta que se concretiza na produção digital acessível do padrão Mecdaisy.

Foi possível observar, mais uma vez, que o processo de criação é um processo contínuo, marcado pelo inacabamento, pois ainda nesse momento eram feitos ajustes, quer na modulação de voz, nas pausas, no tom vocal, até mesmo nas escolhas tradutórias, pois ao se ouvir mais uma vez o texto, evidenciava-se a necessidade de serem feitas outras rasuras. De fato, trata-se de um processo marcado pela falibilidade, sendo da condição humana essa limitação de ser falível, essa tendência de estar se corrigindo, em busca de um signo que parece sempre requerer uma revisão.

Tem sido uma experiência rica trabalhar com este projeto de pesquisa, o qual possibilita um amplo aprendizado a todos os envolvidos, incluindo alunos e professores, ao tempo em que são construídas pontes entre áreas que se completam como Letras, Teatro e Comunicação.

É gratificante ver um trabalho de tradução sair do papel e passar para a voz, para outra mídia, tornando o texto literário acessível ao grande público e privilegiando esta pesquisa questões sociais junto às pessoas com necessidades especiais, sobretudo visuais. Portanto, traduzindo textos em língua inglesa e contemplando diversos campos do saber - tradução intersemiótica, estudo de mídias sonoras, acessibilidade, tudo amarrado pela metodologia de trabalho da Crítica Genética, propomos uma Crítica Genética Inclusiva.

Referências Bibliográficas

- ^L 1] CARLSON, M. **Performance**. Uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- ^L 2] GRESILLON, A. Nos limites da Gênese: da escritura do texto de teatro à encenação. *In: Estudos Avançados*, 9 (23), Paris: ITEM, 1995, p. 269-285.
- ^L 3] HEMINGWAY, E. A Clean, well-lighted place. *In: The Hemingway reader*. N. York: Scribner-s Sons, 1960, p. 417-422.

- ^L 4] LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 1978.
- ^L 5] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Nova tecnologia torna livros acessíveis a alunos cegos**. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13782:nova-tecnologia-torna-livros-acessiveis-a-alunos-cegos&catid=205 Acesso: 11 jul 2011.
- ^L 6] SCHAFFNER, C. *Skopos theory*. In: BAKER, M., *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 2001. 235-239.
- ^L 7] SILVA, J. L. **Oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. S. Paulo: Annablume, 1999.
- ^L 8] VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. London: Routledge, 1995.
- ^L 9] VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de defectologia. In: **Obras completas**. Trad. de Maria del Carmen Ponce Fernandez. Tomo V. Havana: Pueblo y Educación, 1997.

i **Sílvia Maria Guerra ANASTÁCIO, Profa. Dra.** Universidade Federal da Bahia (UFBA) Instituto de Letras, Departamento de Letras Germânicas, Salvador, Bahia. E-mail: smganastacio10@gmail.com
ii **Lucia Terezinha Zanato TURECK, Doutoranda.** Universidade Estadual do Paraná (UNIOESTE), Centro de Educação, Comunicação e Artes, Colegiado do Curso de Pedagogia, Cascavel, Paraná. E-mail lutureck@hotmail.com.